

DOS POSTS E VÍDEOS ÀS PÁGINAS DOS LIVROS: REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE JOVENS BLOGUEIROS E YOUTUBERS

Jennifer da Silva Gramiani Celeste ¹

Juliana Gervason Defilippo ²

Resumo: Os diálogos estabelecidos entre jovens produtores de conteúdo digital e seus seguidores são mediados não apenas pelo meio virtual, mas também por livros impressos. Desta maneira, faz-se necessário buscar melhores percepções em relação às transfigurações experienciadas pela Literatura Brasileira Contemporânea e ao caminho que este fato tem levado jovens a percorrer. Diante do dinâmico movimento relativo à publicação de obras literárias de autoria de jovens blogueiros e *youtubers*, objetiva-se suscitar reflexões acerca da Literatura Brasileira Contemporânea. Para tanto, realizou-se mapeamento e se recorreu a constructos teóricos substanciais. As peculiaridades que caracterizam as obras literárias assinadas por blogueiros e *youtubers*, tais como a abordagem de temáticas convenientes ao público jovem, o compartilhamento de sentimentos universais, ademais, o estabelecimento de relação de alteridade entre autores e leitores, configuram-se como base para a compreensão quanto ao positivo alcance destes produtos literários e seus respectivos conteúdos, assim como as possíveis transfigurações que a Literatura experimenta na contemporaneidade.

Palavras-chave: Literatura Brasileira Contemporânea. Blogueiros. *Youtubers*.

Introdução

Maneiras distintas de relacionamento foram constituídas com base na disseminação dos recursos disponibilizados pela Internet a partir dos anos 1990 e da construção coletiva de um ciberespaço expressivo e vasto. Atualmente, os diálogos estabelecidos entre jovens produtores de conteúdo digital e internautas seguidores são mediados não apenas pelo meio virtual, mas também por livros impressos, contribuindo, sobremaneira, para a concretização da materialidade desta relação.

¹ Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2015), Bacharelada e Licenciada em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (2016), Pós-Graduanda em Psicopedagogia (Clínica e Institucional) pela Faculdade Metodista Granbery, Mestranda em Letras (Literatura Brasileira) pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. **E-mail:** djeceleste@gmail.com.

² Professora Titular do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora. **E-mail:** julianagervason@cesjf.br.

Estamos, assim, diante do dinâmico movimento relativo à produção e à publicação de obras literárias de autoria de jovens blogueiros e *youtubers*, além do consequente investimento neste ramo comercial impulsionado pelo mercado editorial brasileiro. É, portanto, uma oportuna ocasião para que nos atentemos a este peculiar momento o qual é experimentado pela Literatura Brasileira Contemporânea, que mais do que em qualquer outro período da história jamais demonstrara tamanho interesse no que se refere à difusão de obras voltadas, em grande parte, ao público jovem, potenciais ditadores de estilos, tendências e consumo, dentro e fora da Internet. Desta maneira, objetiva-se, a partir da discussão empreendida neste artigo, suscitar reflexões acerca da Literatura Brasileira Contemporânea e suas transfigurações diante desta inusitada dinâmica de produção literária.

O expressivo número de lançamentos de produtos literários assinados por jovens internautas em ascensão, além do crescente investimento neste ramo do mercado literário e na materialidade do conteúdo facilmente acessado no ciberespaço, configuram-se como fatores capazes de validar a emergência quanto à investigação desta temática. A busca por melhores percepções em relação às transfigurações experienciadas pela Literatura Brasileira Contemporânea e ao caminho que este fato tem levado os jovens a percorrer corresponde à justificativa que circunda a confecção deste artigo. Nessa perspectiva de estudo, para além de um mapeamento das obras publicadas no período de janeiro de 2008 a dezembro de 2016, optou-se também por recorrer à fundamentação teórica de autoria de estudiosos pertencentes aos campos do saber relativos à Cibercultura, à Educação, à Literatura e à Psicologia, cujas obras poderão orientar nossos passos em território ainda não profundamente explorado, constituído por produções literárias não legitimadas, mas que, a cada dia, tem ocupado seu espaço e conquistado um considerável número de apreciadores.

Livros de Blogueiros e Youtubers: um mapeamento

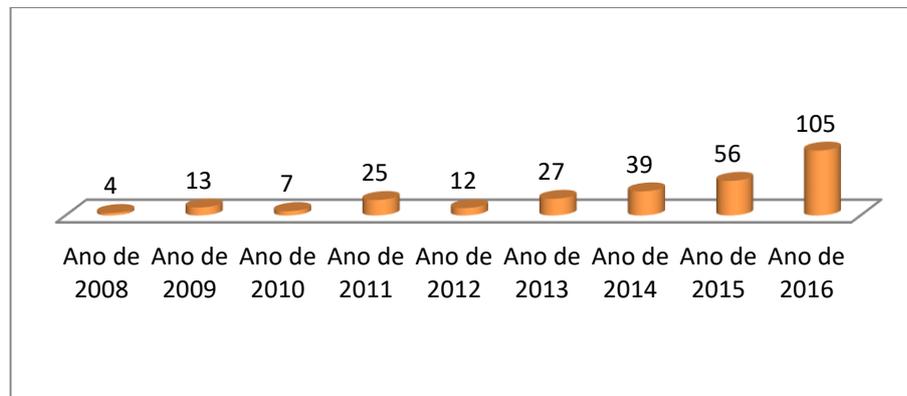
A partir da realização de um mapeamento ³ de dados referente ao contingente de produtos literários produzidos por internautas usuários dos blogs e dos canais

³ Realizado para levantamento no grupo de pesquisa “A literatura brasileira contemporânea: diálogos, perspectivas e confluências”, do Programa de Mestrado em Letras (Literatura Brasileira) do CES/JF.

do *YouTube*, averiguou-se forte tendência desta vertente na Literatura. O referido mapeamento restringiu-se ao período de janeiro de 2008 a dezembro de 2016, perpassando por oito anos de produção. No geral, foram recolhidos 220 (duzentos e vinte) autores.

Do ano de 2013 ao ano de 2016, tem-se um crescente aumento do número de publicações por jovens, alcançando, neste último, a marca de 105 (cento e cinco) livros publicados, o que pode ser averiguado na **Figura 1**:

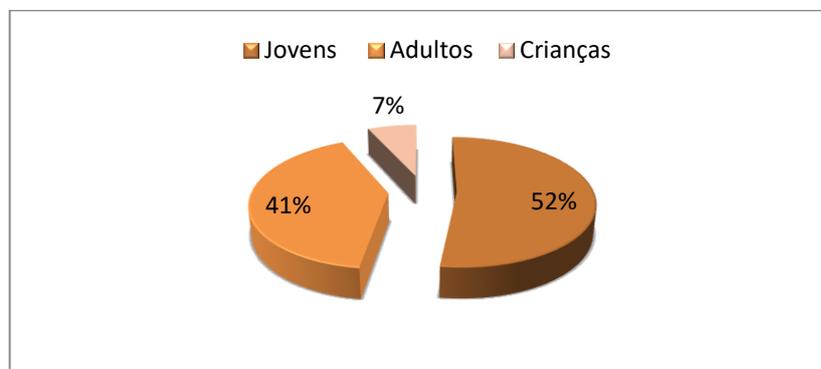
Figura 1: Número de Livros de Blogueiros e *Youtubers* (2008 – 2016)



Fonte: Autoria Própria

Verificou-se a existência de 115 (cento e quinze) jovens autores, entre, em média, quinze e vinte e cinco anos de idade, que dedicam suas obras aos seus pares, número significativo ao se comparar àquele que se refere às crianças – 15 (quinze) – e aos adultos escritores – 90 (noventa), como exposto na **Figura 2**:

Figura 2: Quem São os Blogueiros e *Youtubers* Autores de Livros?



Fonte: Autoria Própria

Percebe-se, diante desta constatação, predominância quanto à escrita por jovens, fenômeno que nos leva a refletir acerca do processo de produção por estes indivíduos e o alcance dos produtos literários e seus respectivos conteúdos, que se alternam entre gêneros como crônica, manual, relato autobiográfico, narrativa ficcional e poesia, por exemplo. O mapeamento realizado possibilitou perceber que as produções textuais emergidas deste meio trazem à tona temáticas convenientes à fase da juventude – quase sempre também abordadas nas redes sociais de origem dos produtores de conteúdo digital, ditando estilos, preferências e tendências de consumo. Daí, provavelmente, o sucesso deste fenômeno: a empatia e os vínculos transferenciais estabelecidos entre autores e leitores passam a deter vários significados, sendo um deles, a descoberta de palavras capazes de demonstrar afetos, angústias e tensões que, ainda que singulares e inerentes a cada um, constituem-se como sentimentos de caráter universal, compartilhados por seus pares. Vale citar que o estabelecimento das relações de alteridade entre autores e leitores constrói-se a partir de suas produções literárias e da materialidade destas, via livros impressos.

Analisando-se quantitativamente os dados coletados no mapeamento, pode-se notar que há uma busca por parte das editoras por blogueiros e *youtubers* que tenham um grande número de seguidores: cita-se, a título de ilustração, Bruna Vieira ⁴, Christian Figueiredo ⁵, Felipe Neto ⁶, Isabela Freitas ⁷ e Kéfera Buchmann ⁸. É de fato perceptível que o método de análise quantitativa de popularidade, usado por editoras que têm como finalidade firmar parcerias literárias com estes criadores de conteúdo digital, toma como base o número de curtidas na página do *Facebook* ⁹, número de comentários por postagem, quantidade de seguidores no *Instagram* ¹⁰ ou

⁴ **Sobre Bruna Vieira:** <<https://www.youtube.com/user/canaldepoisdosquinze>>, com aproximadamente 1.317.981 inscritos. Último acesso em 20 de ago. de 2017.

⁵ **Sobre Christian Figueiredo:** <<https://www.youtube.com/user/euficoloko>>, com aproximadamente 8.695.801 inscritos. Último acesso em 20 de ago. de 2017.

⁶ **Sobre Felipe Neto:** <<https://www.youtube.com/user/felipeneto>>, com aproximadamente 13.490.755 inscritos. Último acesso em 20 de ago. de 2017.

⁷ **Sobre Isabela Freitas:** <<https://www.youtube.com/user/IsabelaaFreitas>>, com aproximadamente 629197 inscritos. Último acesso em 20 de ago. de 2017.

⁸ **Sobre Kéfera Buchmann:** <<https://www.youtube.com/user/5incominutos>>, com aproximadamente 10.858.872 inscritos. Último acesso em 20 de ago. de 2017.

⁹ Rede social na qual há a possibilidade de se criar uma página de perfil pessoal, adicionar amigos, compartilhar textos, imagens e vídeos, trocar mensagens e integrar grupos de interesse.

¹⁰ Rede social que permite o compartilhamento de imagens e vídeos.

o contingente de inscritos no *YouTube*, levando-se em consideração também, muito provavelmente, o número de visualizações dos vídeos postados.

Aliás, cabe ressaltar o empreendimento realizado pelas editoras brasileiras em busca destes jovens internautas que tem cada um de seus passos seguidos por seus admiradores e que estejam interessados em ingressar no universo literário. Este momento pelo qual o mercado editorial passa traz junto de si tantas repercussões que, em prol desta dinâmica de produção, algumas editoras optaram ou se viram obrigadas a criar selos que pudessem acolher estes livros. É o caso de grandes grupos editoriais brasileiros como a Autêntica, com o selo Gutenberg; a Companhia das Letras, com os selos Seguinte e Paralela; a Novo Conceito, com o selo Novas Páginas; a Record, com os selos Galera e Galera Júnior; a Saraiva, com o selo Benvirá; entre outras. Inclusive, algumas editoras que não possuíam, até então, relevante difusão de suas obras em território nacional, sendo pouco reconhecidas, passam a apostar em publicações impressas de jovens advindos da Internet e a ter, como consequência, seus nomes amplamente espalhados por feiras e exposições literárias. Mencionam-se, a exemplo, a editora Planeta, com o selo Outro Planeta; Pensamento, com o selo Jangada; e Évora, com o selo Generale. Aferem-se, ainda, editoras que, pelo menos no que diz respeito aos livros de blogueiros e *youtubers*, não aderiram, no período contemplado pelo mapeamento, à criação de selos específicos, utilizando-se da marca principal, como Astral Cultural, Belas Letras e Panda Books – nota-se, no entanto, que este fenômeno se faz recorrente em pequenas editoras.

Eis uma amostra do caráter democrático da Internet: de alguma forma, a mesma, que agora passa a se materializar no suporte livro, proporcionara, às editoras que foram criadas há poucos anos e se encontram ainda em crescimento, condições mais igualitárias para que possam disputar pelo público consumidor junto de tradicionais grupos editoriais brasileiros.

Averiguou-se, ao analisar os produtos do mapeamento, o lançamento de livros em autoria solo e aqueles que apresentam a parceria entre os jovens usuários da rede. Atenta-se ao fato de que algumas redes sociais são comandadas por dois ou mais internautas, sejam amigos ou familiares. Não raro, em seus *posts*¹¹ e vídeos, convidam outros blogueiros e *youtubers* de sucesso para que possam

¹¹ Produções textuais divulgadas de maneira cronológica em blogs e outras plataformas digitais.

realizar algum tipo de colaboração, seja respondendo perguntas dos seguidores ou participando de *tags*¹² ou *vlogs*¹³.

Parcerias e colaborações entre blogueiros, *youtubers* e autores já consagrados no que diz respeito à Literatura Brasileira voltada aos jovens, como Thalita Rebouças¹⁴ e Paula Pimenta¹⁵, têm sido feitas. Pode-se pensar neste movimento como uma forma de renovação e sobrevivência destas autoras diante da adoração dos jovens em relação aos influenciadores digitais de sucesso. A obra **Um ano inesquecível** (Gutenberg, 2015) apresenta quatro distintas histórias, que possuem como pano de fundo as peculiaridades da fase da juventude. Neste livro, a parceria entre as supracitadas autoras e as blogueiras e *youtubers* Bárbara Dewet¹⁶ e Bruna Vieira – ambas aclamadas pelos internautas –, promove o contraste entre a escrita experiente e madura de adultos de meia-idade com o olhar peculiar proveniente daqueles que falam para jovens enquanto ocupam o mesmo lugar que estes.

Até mesmo aqueles que já possuem certo reconhecimento na mídia, sendo possuidores de uma carreira artística consolidada, têm investido no ramo da Literatura. É o caso de Larissa Manoela, João Guilherme, Maísa Silva, Priscila Alcantara e Sophia Abrahão, por exemplo, que lançaram livros em autoria solo – a cargo de curiosidade, elenca-se a obra de Priscila Alcantara, **O livro de tudo: um papo descontraído** com Priscila Alcântara (Ágape, 2016) – ou em parceria com escritores já estabelecidos no mercado – como é o caso da atriz e cantora Sophia Abrahão, que em coautoria com a escritora de ficção fantástica Carolina Munhóz, lançou os livros **O reino das vozes que não se calam** (Fantástica, 2014) e **O mundo das vozes silenciadas** (Fantástica, 2015).

¹² Espécie de palavra-chave a partir da qual se possibilita a discussão de relevantes assuntos. Permite, portanto, uma melhor classificação de temáticas abordadas nas redes sociais.

¹³ Variante dos blogs cujo conteúdo principal consiste em vídeos. Na maioria das vezes, os vídeos são gravados com o intuito de apresentar ao espectador o cotidiano do internauta ou algum acontecimento que este julga digno de ser immortalizado via gravação de vídeo.

¹⁴ Nascida no Rio de Janeiro, Thalita Rebouças é autora consagrada de livros juvenis, voltados ao público adolescente. Suas obras já ganharam adaptações para televisão, teatro e cinema.

¹⁵ Nascida em Belo Horizonte, Paula Pimenta é autora de séries de livros que, inclusive, foram traduzidas e hoje são comercializadas no exterior, em países como Espanha e Portugal. Também apresenta como foco a escrita de histórias para o público jovem.

¹⁶ **Sobre Bárbara Dewet:** < <https://www.youtube.com/user/weareGDproductions> >, com aproximadamente 85.058 inscritos. Último acesso em 20 de ago. de 2017.

Concomitante aos trabalhos realizados nas telenovelas ou nos shows musicais, estes jovens mantêm seus canais do *YouTube* atualizados. Em parte, a fama que já possuíam devido às suas atuações na televisão ou nos palcos os ajudou a alavancar suas inserções no mercado literário, obviamente. Porém, é difícil cogitar a ideia de lançamento de livros por parte destes artistas caso não estivéssemos vivendo em meio a uma dinâmica de produção literária por internautas tão significativa como essa. Talvez seja possível refletir sobre o *status* de celebridade que hoje é atribuído aos blogueiros e *youtubers*, o que facilitaria a aceitação de publicação por parte de atores ou cantores famosos. Afinal, os internautas e estes últimos disputam a atenção do mercado de consumo, já que se configuram como ídolos ou exemplos de jovens bem sucedidos e em conformidade aos padrões de estilo que são estabelecidos, considerando-se, também, a atenção que lhes é concedida por fãs.

Para além dos textos em prosa, quase unanimidade entre os livros presentes no mapeamento realizado, os produtores de conteúdo digital se aventuram por outros possíveis caminhos relativos às publicações impressas, oportunidade esta propiciada por suas próprias editoras. Bruna Vieira pode ser citada como exemplo. Escritora de crônicas, ademais, narrativas ficcionais, a blogueira assinara, junto da desenhista Lu Cafaggi, *graphics novels*¹⁷ que dão aos leitores acesso a sua história de vida até a ascensão como influenciadora digital. As obras – **Bruna Vieira em quadrinhos: quando tudo começou** (Nemo, 2015) e **Bruna Vieira em quadrinhos: o mundo de dentro** (Nemo, 2016) – foram lançadas pela editora responsável por suas demais publicações, Grupo Editorial Autêntica, por meio do selo editorial Nemo, criado em 2012, que se dedica à difusão de novidades do universo *geek*.

Alguns blogueiros e *youtubers* assinam livros que se propõem a assumir o papel de diário. Estes lançamentos obtiveram grande sucesso, já que contaram com o impulso de inteligente estratégia de mercado: foram liberados e distribuídos comercialmente próximos ao término do ano de 2016, a fim de que o público pudesse iniciar seus registros no ano seguinte. Aliás, a ideia primordial deste tipo de produto seria realmente essa: realizar confidências e compartilhar segredos com um famoso internauta sem sofrer quaisquer interrupções.

Têm-se também os diários dos próprios internautas, que passam de domínio privado a domínio público novamente, já que esta exposição de fatos corriqueiros de

¹⁷ Este termo é utilizado para definir obras produzidas em quadros de arte sequenciais. Em geral, são mais longas e melhor elaboradas quando comparadas às histórias em quadrinhos.

suas vidas pode ser facilmente acessada nos *posts* dos blogs ou nos vídeos dos canais do *YouTube*. Pensando nisto, é interessante refletir que, com o advento dos blogs e outras redes sociais do gênero, criou-se a suposição de que tais ferramentas poderiam substituir os diários de papel, o que, por algum tempo, pôde ser realmente averiguado, especialmente entre o público constituído por jovens, principal responsável pela popularização das postagens *online*. Os registros íntimos impressos configuram-se como relatos autobiográficos, extensões das vidas dos produtores de conteúdo digital, uma espécie de tentativa de se aproximarem mais de seus pares, agora via Literatura, mostrando-lhes que dividem os mesmos sentimentos, as mesmas incertezas, todas inerentes à fase da juventude. Estas produções textuais sim, talvez, proporcionem fidedignos diálogos entre autores e leitores, de jovens para jovens, diferenciando-se do expressivo contingente de obras escritas por adultos para jovens, bastante comum no início dos anos 2000¹⁸ – podendo ser observada, ainda, nos dias atuais –, dizendo-lhes o que devem ser, o que devem fazer, reforçando, muitas vezes, estereótipos sociais fortemente vinculados a esta fase vital. As páginas dos livros da autoria dos influenciadores digitais assemelham-se àquelas de um diário confeccionado manualmente: os textos são escritos com fontes diversas, de diferentes cores e tamanhos, além de possuírem ilustrações dos próprios autores ou fotografias de amigos e familiares.

Entre os livros do gênero diário ou autobiografia, destacam-se os volumes pertencentes à trilogia **Eu fico loko** (Novas Páginas, 2016), de autoria de Christian Figueiredo; as produções que constituem a série **Precisava escrever** (Vieira, 2015), do blogueiro Rafael Magalhães; **Muito mais que cinco minutos** (Paralela, 2015), de Kéfera Buchmann, *youtuber* consagrada; **Tá todo mundo mal: o livro das crises** (Companhia das Letras, 2016), da autoria de Júlia Tolezano; entre outros títulos afins.

Analisando-se ainda o mapeamento, constata-se que entre os gêneros textuais conhecidos, também a poesia marca sua presença. O advento da Internet trouxe junto de si uma nova dinâmica quanto à forma de produção e difusão poética. É interessante refletir, pois, o quão importante constitui-se essa propagação do texto em verso, principalmente ao público jovem, até então um pouco mais distante da poesia quando em comparação a outras literaturas. Vê-se,

¹⁸ Para além das autoras Thalita Rebouças e Paula Pimenta, já mencionadas, citam-se Inês Stanisieri, Liliane Prata, Sérgio Klein, entre outros.

em especial nos blogs, a divulgação de poesia visual ou de pequenos versos utilizando-se dos jogos de palavras e daqueles de natureza sonora, além de ilustrações que complementam seus registros. Eis alguns poetas que levaram suas poesias da Internet às páginas dos livros: Pedro Antônio Gabriel, com **Eu me chamo Antônio** (Intrínseca, 2013) e **Ilustre poesia** (Intrínseca, 2016); Clarice Freire, blogueira e autora de livros, entre eles, **Pó de lua** (Intrínseca, 2014); Pedro Henrique, autor de **Um cartão: sentimentos cotidianos** (Rocco, 2015); Lucas Brandão, com a obra **É cada coisa que escrevo só pra dizer que te amo** (Benvirá, 2016) e o blogueiro Zack Magiezi, autor de **Estranheirismo** (Bertrand Brasil, 2016). Ressalta-se que os conteúdos trazidos à tona por estes produtos literários advêm de postagens e compartilhamentos, sendo facilmente acessados no espaço virtual.

Por fim, é interessante destacar que a elaboração do mapeamento nos levou ao contato com outras facetas assumidas pelos blogueiros e *youtubers*, para além de escritores. Compreende-se que o lançamento e a difusão dessas obras literárias, paralelo aos outros mercados que exploram a imagem destes jovens internautas, demonstra a urgência da indústria do entretenimento quanto à sua atualização diante das demandas dos indivíduos ora enquanto leitores, ora enquanto consumidores. As campanhas publicitárias, as linhas de produtos e os passeios destes jovens pelo cinema, teatro e pela televisão, são claramente impulsionados por suas parcerias com grandes editoras, a partir das quais se tornara possível realizar o lançamento de livros e, assim, iniciar uma trajetória de reconhecimento e sucesso para além do campo virtual de atuação, colocando-os em contato direto com o grande público.

Compreendendo as transfigurações da Literatura Brasileira Contemporânea

Para o filósofo Pierre Lévy, na obra **Cibercultura** (2010), nas sociedades anteriores à escrita, “o saber prático, mítico e ritual é encarnado pela *comunidade viva*. Quando um velho morre é uma biblioteca que queima” (LÉVY, 2010, p. 166, grifo do autor). A partir do nascimento do processo de escrita, os saberes e as informações relativas a uma infinidade de temáticas passam a ser transmitidas pelo suporte livro. Livro este que, inquestionavelmente, contemplaria tudo o que já esteve ao alcance do homem. Lévy (2010) exemplifica este fato a partir da citação de relevantes títulos que perpassam as civilizações e, portanto, tornaram-se

atemporais: Bíblia, Corão, obras de Aristóteles, Confúcio, textos clássicos e sagrados, por exemplo. Segundo o estudioso, o advento do livro possibilitara o domínio dos conhecimentos por seus leitores, sendo que após a invenção da impressão o saber de viés científico vem à tona e, pouco depois, com a potência vívida da Internet e suas atribuições, o livro impresso passa a ser fortemente assombrado por hipertextos, textos e livros em formato digital – os denominados *e-books*. A constatação de Lévy (2010) vai de encontro a uma específica passagem da obra **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina** (2000), de autoria da professora Beatriz Sarlo: “está certo: nunca, desde a invenção da imprensa, tantos livros foram publicados por ano” (SARLO, 2000, p. 123).

Também a respeito da temática em voga, a pesquisadora Maria Teresa de Assunção Freitas, autora do artigo Da tecnologia da escrita à tecnologia da internet, presente no livro **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola** (2005), acrescenta que ao se dar início à realização de impressões, passou-se a compreender que bens diversos “estavam confinados em alguma espécie de espaço mental inerte” (FREITAS, 2005, p. 14). Desta forma, a impressão trouxe à tona inusitado estilo cognitivo. É preciso se ter em mente, porém, que as discussões verbais ou demonstrações visuais constituem-se como frequentes no meio eletrônico, ao qual se tem acesso via tela do computador e outros dispositivos eletrônicos.

O livro **A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros** (2011), de autoria do professor Nicholas Carr, nos apresenta ao fato de que a introdução de espaços entre as palavras também pode ser considerada uma relevante conquista e conseqüente melhoria no que concerne ao processo de leitura. Pode-se citar, ainda, a autonomia detida pelos autores, que passaram “a colocar suas palavras nas páginas eles mesmos, privadamente” (CARR, 2011, p. 96). Este fato oferecia maiores fidedignidade quanto ao conteúdo das produções literárias e fortalecimento de identidade autoral.

Diante, então, de tantos avanços no desenvolvimento da confecção dos suportes literários, conforme Carr (2011) explicita, as obras dos antigos escritores trouxeram à tona “ideias não convencionais, céticas e mesmo heréticas e sediciosas, estendendo os limites do conhecimento e da cultura” (CARR, 2011, p. 96). Acerca desta nova possibilidade de escrita, Carr (2011) nos esclarece que os argumentos utilizados nos livros vieram a se tornar mais longos e claros e, em contrapartida,

mais complexos, estimulantes e desafiadores, já que os autores, inconscientemente, tornavam mais refinados seus conteúdos. No processo de transformação de mensagens antes tidas como íntimas ou detentoras de caráter particular, mensagens estas, em geral, relacionadas às cartas, aos sussurros e aos telefonemas, segundo Carr (2011), as redes sociais possuem lugar especial, pois concederam aos indivíduos inusitadas formas de socialização. Sobre a versatilidade inerente à Internet, o autor afirma:

a net não nos conecta somente com os negócios, conecta-nos uns com os outros. É um meio de difusão pessoal assim como comercial. Milhões de pessoas a usam para distribuir suas próprias citações digitais, na forma de *blogs*, vídeos, fotos, músicas, *podcasts*, assim como criticar, editar ou de algum modo modificar as criações dos outros [...] A interatividade do meio também o tornou um local de encontro mundial, onde as pessoas se reúnem para conversar, focar, brigar, exhibir-se e flertar no *Facebook*, *Twitter*, *MySpace* e todos os tipos de redes sociais (CARR, 2011, p. 123, grifo do autor).

A pesquisadora Michèlle Petit, autora de **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva** (2012), desenvolve sobre a fase da juventude que, para garotas ou garotos pertencentes às diversas categorias sociais ou espalhados nos mais variados cantos do mundo, corresponde ao momento de crescimento de caráter pulsional, sendo reconhecida pela ocorrência de mudanças extremamente radicais na estrutura corporal e hormonal dos indivíduos. Os jovens, acrescenta Petit (2012), convivem com diferentes emoções, desejos e pulsões que temem não possuir forças para conter, ademais, têm receio de si mesmos e das incertezas que provém de atitudes que possam tomar: “temem ser os únicos no mundo a sentirem alguma coisa” (PETIT, 2012, p. 55). A própria juventude em si, afirma a autora, constitui-se como grandioso motivo de preocupação, uma vez que os caminhos, neste momento, já não se encontram mais traçados e, então, o futuro, antes próximo, faz-se quase inatingível. É a evidente perda de controle que faz com que os jovens sintam medo diante daquilo que é desconhecido e, assim, “a juventude simboliza este mundo novo que não controlamos e cujos contornos não conhecemos bem” (PETIT, 2012, p. 16).

A relação entre pares durante a referida fase se configura como algo de extrema preciosidade, de acordo com Petit (2012), já que é nela que, hipoteticamente, deveríamos ter acesso a um maior número de informações ou nos ater, com maior cuidado, às orientações fornecidas pelos mais velhos e experientes.

É por meio das palavras que se torna possível encontrar afetos, angústias e tensões que frequentemente são experienciados, “ainda que estas tomem aspectos muito diferentes, conforme se tenha nascido menino ou menina, rico ou pobre, habitante deste ou daquele canto do mundo” (PETIT, 2012, p. 55).

Defronte deste momento vital repleto de conflitos internos, como a busca por identidade em círculos sociais, morte simbólica do corpo infantil, perda dos pais da infância ou a difícil conquista de independência, emerge, daí, a relevância no que se refere à busca por instrumentos que possam tornar este caminhar permeado por luzes e não somente por obscuridades. As redes sociais – em parte responsáveis por atribuir à Internet caráter coletivo e democrático – sobre as quais a bibliotecária Geneviève Patte discute brevemente em **Deixem que leiam** (2012), correspondem a positivas ferramentas incentivadoras do compartilhamento de experiências, encorajando, assim, diferentes formas de solidariedade, uma vez que

ao encorajar cada um a seguir o próprio caminho, ela favorece a emergência das identidades, em sua singularidade. Oferece um espaço onde a expressão das diferenças é possível, desejável e encorajada. É um lugar onde se pode aprender a construir relações com o outro. Ela privilegia tudo que liga e religa por meio da acolhida, dos encontros, do “estar junto”, não para se diluir, mas para tentar compreender-se (PATTE, 2012, p. 330).

Pierre Lévy, na obra **O que é o virtual?** (2011), afirma que as emoções transformadas em palavras podem ser mais facilmente compartilhadas, tornando algo interno e privado em algo externo e de domínio público. Os espectadores dos livros, neste caso específico os internautas seguidores, são submetidos a processos de internalização e privatização das inúmeras informações a respeito das quais obtém fácil acesso.

Acerca do espaço compreendido pela Internet e das manifestações que dela advêm, Lévy (2010) discorre:

O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 2010, p. 17).

O movimento que é posto em prática por esta cibercultura corresponde ao principal motor que alavanca a contemporaneidade, conforme afirma Lévy (2010). O autor nos relata ainda que é intensa a busca, por parte das indústrias, para acompanhar as atualizações deste sistema. Os indivíduos que se encontram imersos no mundo dos negócios exploram possíveis campos de consumo e, desta maneira, aprendem potenciais argumentos de compra e venda. Decerto, os negócios materializam rentáveis ideias ou possibilidades oriundas do meio virtual.

Frente a este extenso e vasto leque de opções oferecido pela Internet, aqui compreendida – dentre tantas outras significações que a ela são atribuídas – como ambiente de mediação de diálogos e promotora de experiências de caráter único, faz-se presente, atualmente, distinta alternativa: o lançamento de obras literárias por produtores de conteúdo digital, em sua maioria blogueiros e *youtubers*, movimento este impulsionado pelo mercado editorial brasileiro, sobre o qual já se desenvolvera de maneira minuciosa em momento anterior. Deve-se fazer saber que este rico cenário de viabilidades é promovido pelas peculiaridades que cada período da história oferece, segundo a professora e pesquisadora Leyla Perrone-Moisés, autora de **Mutações da literatura no século XXI** (2016). Segundo a autora, as transformações que ocorreram na virada do século, proporcionadas pelo advento das novas tecnologias, bem como a disseminação das práticas digitais, afetaram a Literatura.

O mapeamento de obras literárias da autoria de jovens blogueiros e *youtubers*, já apresentado, sustenta a dinâmica deste movimento de produção, refutando, por exemplo, o questionamento feito por Andrea Cecilia Ramal, especialista e autora da obra **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem** (2002), que se encontra imbuído de preocupação quanto à prática de leitura por parte de jovens em meio à Internet e às suas facetas: “os papéis estão descartados diante da magia do ambiente digital?” (RAMAL, 2002, p. 147). O panorama apresentado vai de encontro, também, com aquilo que é teorizado por Perrone-Moisés (2016), sobre o que ela mesma denomina como “fim da literatura”, sendo que este, diz a estudiosa, corresponde à apenas um sobressalto, difundido por muitos anos, até o término do século passado, uma espécie de ensaio que jamais se concretiza, pois “a produção e a edição de obras

literárias, cada vez mais abundantes e dos mais variados gêneros, têm desmentido as previsões apocalípticas” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 255).

Nesta perspectiva, Petit (2012) posiciona-se a favor da difusão de produtos literários da prática de leitura por jovens, já que “ela os ajuda a se construir, a imaginar outras possibilidades, a sonhar. A encontrar um sentido. A encontrar mobilidade no tabuleiro social [...] e a pensar, nesses tempos em que o pensamento se faz raro” (PETIT, 2012, p. 19). Patte (2012), a esta fala acrescenta que o livro é capaz de acolher os indivíduos e torná-los aptos a explorar o universo com base em seus preceitos, suas maneiras e seus próprios tempos. Carr (2011) também crê no poder que a prática da leitura detém, ao pronunciar-se: “não é exagero dizer que a escrita e a leitura dos livros intensificou e refinou a experiência das pessoas com a vida e a natureza” (CARR, 2011, p. 109). O estímulo ao encontro com a Literatura é também preconizado pelo historiador Tzvetan Todorov, na obra **A literatura em perigo** (2010), quando o teórico aponta que é necessário encorajar o hábito da leitura, quaisquer sejam os meios, desde obras clássicas a romances contemporâneos. São os considerados “livros populares”, explica Todorov (2010), que fizeram surgir caminhos vários ligando o público jovem ao hábito da leitura, possibilitando-lhes “a construção de uma primeira imagem coerente do mundo, que, podemos nos assegurar, as leituras posteriores se encarregarão de tornar mais complexas e nuançadas” (TODOROV, 2010, p. 82). Afinal, segundo o estudioso, aquilo que é propiciado pelos livros não é um novo saber, mas a capacidade de comunicação com seres semelhantes a nós. Além disso, cabe ressaltar, nas palavras de Todorov (2010), que “o horizonte último dessa experiência não é a verdade, mas o amor, forma suprema da ligação humana” (TODOROV, 2010, p. 81).

Este lugar especial que é ocupado pela produção literária voltada aos jovens e o positivo acolhimento e receptividade destas obras, configura-se como interessante temática a ser adequadamente concebida com base no sistema de cultura juvenil, assim denominado por Sarlo (2000). De acordo com a autora, tal sistema corresponde a uma dimensão extremamente dinâmica. Também possui a tendência de se constituir como universal e, por conseguinte, de vasto alcance a todos, transpondo quaisquer barreiras sociais.

O tamanho poder desta cultura, cujos protagonistas são os jovens, é representado, entre tantas possibilidades, pelo não reconhecimento destes diante

dos objetos de estudo que lhes são impostos pelo sistema educacional, enquanto aprendizes. Sarlo (2000) esclarece:

A cultura juvenil, como cultura universal e tribal ao mesmo tempo, constrói-se no marco de uma instituição tradicionalmente consagrada aos jovens, que está em crise: a escola, cujo prestígio se debilitou tanto pela queda das autoridades tradicionais quanto pela conversão dos meios de massa no espaço de uma abundância simbólica que a escola não oferece (SARLO, 2000, p. 40).

Há alguns anos os docentes têm buscado, de maneira incessante, a atenção e o interesse de seus alunos no que se refere à prática da leitura e a significação desta em suas vidas. Para Perrone-Moisés (2016), a área do ensino da Literatura sempre esteve atrasada no que concerne às produções da atualidade, uma vez que desde o fim do século XIX ignorava-se escritores vivos, limitando-se ao “ensino da retórica clássica e da análise filológica dos textos canônicos da Antiguidade e dos séculos precedentes” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 9). Ramal (2002) acredita que nos anos constituintes do Ensino Médio, no que diz respeito à disciplina de Literatura, sobrepõe-se, em meio ao sujeito aprendiz e ao objeto do saber, grandes barreiras – às vezes, intransponíveis – “ao utilizar-se o texto literário de forma descontextualizada da realidade imediata do aluno” (RAMAL, 2002, p. 36). Carr (2011) desenvolve acerca destas barreiras e, por esta via, nos auxilia quanto ao entendimento destas: os livros que a tradição literária nos apresentou como inesquecíveis clássicos não nos levam ao encontro de sentimentos singulares como as obras que abraçamos a partir do instinto, da emoção ou da compreensão. Estas obras, por meio das quais nossas individualidades são tocadas, nos é singular, pois “o traduzimos em nossas experiências” (CARR, 2011, p. 158).

Telma Maria Vieira, autora do artigo Literatura: o leitor na modernidade, que constitui o livro **Literatura na formação de leitores** (2009), apresenta breve, porém interessante discussão quanto ao papel assumido pela Literatura em ambiente escolar. A estudiosa acredita que, devido ao fato das instituições de ensino estarem demasiadamente preocupadas com a formação do leitor e suas práticas literárias, têm se deparado, cada vez mais, com inúmeros obstáculos que impedem a concretização de seu trabalho educativo. A questão não se refere ao zelo da escola em relação ao ensino da Literatura e ao conseqüente fomento do gosto quanto à mesma, mas às características trazidas pelo antigo discurso literário que,

na maioria das vezes, em nada dialogam com os preceitos, os valores ou as experiências dos aprendizes. Os holofotes também devem ser voltados, tomando-se como base, certamente, aquilo que de fato é viável, às produções contempladas pela Literatura Brasileira Contemporânea, cujas transfigurações são constantemente definidas por seus escritores e leitores, relata Perrone-Moisés (2016).

Considerações finais

O advento de novas tecnologias e a gradual expansão da rede de computadores acarretaram transformações várias em âmbitos diversos, alterando a relação dos indivíduos com os saberes aos quais usualmente têm acesso. Com a Literatura não poderia ser diferente: têm-se as possíveis materialidade e imaterialidade assumidas pelos livros; relações entre autores e leitores mais acolhedoras e inseridas em contexto de maior proximidade; e, ainda, maior facilidade de acesso dos escritores em relação ao mercado editorial, vice-versa.

“O ciberespaço é certamente um dos futuros da leitura e da escrita, e é nessa perspectiva que para ele dirigimos nossa atenção” (FREITAS, 2005, p. 16). Esta citação nos faz refletir acerca das possibilidades de leituras e olhares em relação à Internet e ao diálogo que cotidianamente é estabelecido entre esta e a um singular objeto, a Literatura. Assim, consoante ao argumento da estudiosa, devemos nos colocar em meio a esta perspectiva de pensamento e estarmos preparados para perceber a delicada emergência de terrenos férteis de produção e as possíveis transfigurações experienciadas pelo texto literário, evidenciadas, por exemplo, pela dinâmica de lançamentos de livros da autoria de jovens internautas.

Configura-se como relevante voltarmos nossos olhares a estas atuais produções literárias que, a cada dia, tem conquistado jovens apreciadores e os levado à imersão ao universo da leitura. O presente estudo não pretendeu esgotar as discussões a serem realizadas a respeito desta temática, mas apresentar considerações que circundam esta dinâmica de produção, além de possibilidades quanto às reflexões a serem empreendidas.

Referências

ABRAHÃO, Sophia; MUNHÓZ, Carolina. **O reino das vozes que não se calam.** Rio de Janeiro: Fantástica, 2014.

_____. **O mundo das vozes silenciadas.** Rio de Janeiro: Fantástica, 2015.

ALCANTARA, Priscila. **O livro de tudo:** um papo descontraído com Priscila Alcantara. São Paulo: Ágape, 2016.

BRANDÃO, Lucas. **É cada coisa que escrevo para dizer que te amo.** São Paulo: Benvirá, 2016.

BUCHMANN, Kéfera. **Muito mais que cinco minutos.** São Paulo: Paralela, 2015.

CARR, Nicholas. **A geração superficial:** o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

DEWET, Bárbara; PIMENTA, Paula; REBOUÇAS, Thalita; VIERA, Bruna. **Um ano inesquecível.** Belo Horizonte: Gutenberg, 2015.

FIGUEIREDO, Christian. **Eu fico loko.** São Paulo: Novas Páginas, 2016.

FREIRE, Clarice. **Pó de lua.** São Paulo: Intrínseca, 2014.

GABRIEL, Pedro Antônio. **Eu me chamo Antônio.** São Paulo: Intrínseca, 2013.

_____. **Ilustre poesia.** São Paulo: Intrínseca, 2016.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Da tecnologia da escrita à tecnologia da internet. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto (orgs.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola.**

Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

HENRIQUE, Pedro. **Um cartão:** sentimentos cotidianos. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. **O que é o virtual?**. São Paulo: Editora 34, 2011.

MAGALHÃES, Rafael. **Precisava escrever**. São Paulo: Vieira, 2015.

MAGIEZI, Zack. **Estranheirismo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

PATTE, Geneviève. **Deixem que leiam**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**.
São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**.
São Paulo: Editora 34, 2012.

RAMAL, Andrea Cecilia. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na argentina**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

TOLEZANO, Júlia. **Tá todo mundo mal: o livro das crises**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

VIEIRA, Bruna. **Bruna vieira em quadrinhos: quando tudo começou**. Belo Horizonte: Nemo, 2015.

_____. **Bruna vieira em quadrinhos: o mundo de dentro**. Belo Horizonte: Nemo, 2016.

VIEIRA, Telma Maria. Literatura: o leitor na modernidade. In: WITTER, Geraldina Porto (org.). **Literatura na formação de leitores**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.